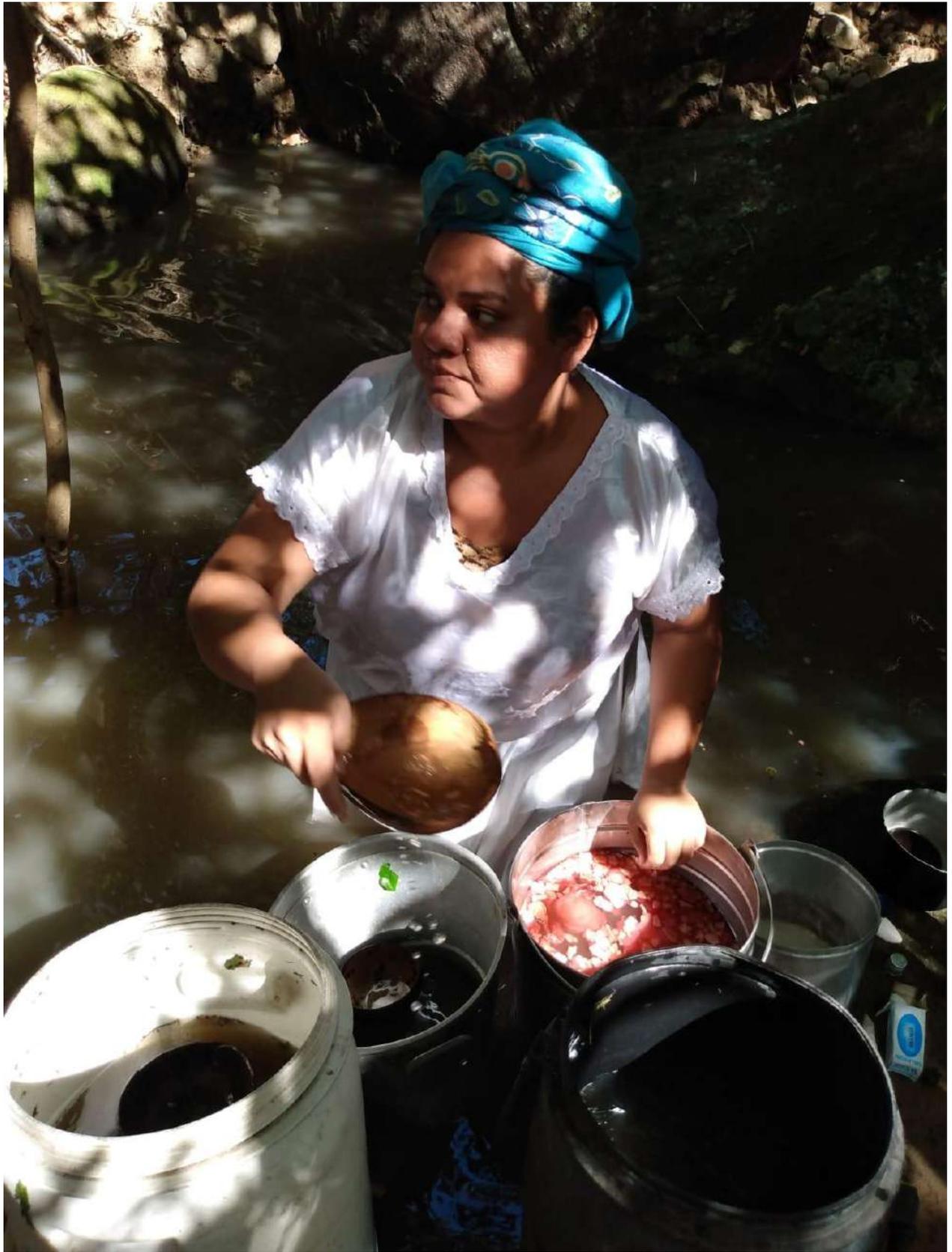


SEGUIDORES DE PAJÉ

é uma Família

Projeto: O Terreiro do Pajé Barbosa.



O grupo de Seguidores é composto principalmente por jovens lideranças indígenas. O grupo mantém um grupo de trocas de conhecimento a partir de encontros na barraca do pajé Barbosa na aldeia Pitagaury. O grupo tem a casa do Pajé como um espaço de convivência e aprendizado contínuo. Seja durante as Festas do Terreiro, intercâmbios, Rituais, projetos. Ali se dá um verdadeiro aprendizado e transmissão de conhecimentos tradicionais da etnia Pitagaury. Onde os jovens mas não só tem experiências e práticas com lideranças mais velhas, histórias e narrativas do movimento indígena e uma sabedoria onde a cosmopolítica e a ciência tem espaço e vai sendo repassado conhecimento através da afetividade, solidariedade e o aconchego do pai Barbosa e a mãe Liduína.



O Raimundo Carlos da Silva que é o nosso pajé barbosa sempre gostou de ensinar a arte da cura de várias formas, ele falava que quando repassava os seus saberes ele ficava mais forte, assim ele foi ensinado para várias

peças que passaram a ser seguidores. Os lugares onde são repassados estes saberes são chamados de, terreiro sagrado, lugares onde o pajé passava seus conhecimentos poderiam, ser nas escolas indígena e não indígena, nos eventos tradicionais das aldeias de várias etnias. As pajelanças, ritual sagrado onde tem manifestações espirituais com outros seres encantados, nas brincadeiras com as crianças das danças dos torés ou nas roda de conversa na fogueira sagrada .



Este espaço pode ser físico e virtual onde aprendemos a cuidar de nós e de todos os seres que fazem parte da natureza. Todos fazem parte da nossa família. Através da sabedoria ancestrais dos pajés aprendemos a arte da comunicação espirituais promovendo encontro do passado com o presente de várias nações espirituais, de onde trazem o saber da cura através da dança, música, alimentos ancestrais, rezas e a medicina tradicional transformando toda energia em cura espiritual e material.

Hoje o pajé barbosa é um grande ser encantado, sua esposa e seus três filhos, hoje são pajés e estão levando o legado do pai barbosa com os outros Seguidores. São de vários lugares do país, aldeias e etnias indígenas. O terreiro do pajé nunca para, seus ensinamentos são multiplicados através das nossas fogueiras, ele está sempre com cada um de nós que precisa.

Desenvolve principalmente ações na Aldeia Pitaguary, Barraca do pajé, na escola indígena ITA-ARA, Escola Chui, escolas do povo pitaguary. Um dos principais espaços dos Seguidores é desenvolvido em atividades na Barraca do pajé Barbosa, um espaço comunitário de vivências ancestrais de acesso gratuito. Esse trabalho na Barraca tem pelo menos 25 anos de existência registrados. No entanto, os seguidores participam de outras iniciativas como o Movimento de Saúde Mental do Bom Jardim. Outras atividades como o Projeto norte-americano das Teia das Cinco Curas. Esse projeto além de contemplar um grupo de Seguidores atende a uma ampla rede conectada aos terreiros do pajé assim como os caminhos que ele deixou para os seus seguidores. Isso se faz presente, também, em eventos de promoção da saúde e bem estar nos municípios de Pacatuba e Maracanaú. Nas universidades, UFC e UNILAB-CE, Unichristus, UECE, e nas universidades de outros países, Canadá e Itália.



Quem Participa?

A família do Pajé Barbosa: filhas, filhos, sobrinhas, sobrinhos, indígenas de muitas etnias,... . Esse grupo de seguidores é consequência das muitas andanças do pajé pelos territórios aos quais ele era convocado. Sua atividade é essencialmente da prática da espiritualidade e das práticas de medicina tradicional como fonte do bem estar. Por espiritualidade, o grupo entende uma prática do bem viver entre pessoas queridas. O aconchego, abraço, um sorriso. Coisas simples e pouco valorizadas no cotidiano. Uma brincadeira, o apreço pela natureza e os animais. Ser seguidor do pajé significa ter cuidado com o outro.

Esse conhecimento sem Forma.

Há 24 anos, em 1998, Raimundo Carlos da Silva assumiu o cargo de pajé do povo indígena Pitaguary, no lugar do primeiro, o pajé Felismino, que ficou muito doente e teve que deixá-lo. Barbosa já tinha muitos conhecimentos sobre as rezas, sobre a espiritualidade, herança da “Vó Bela” e da e “Vó Joana”, por quem foi criado e cuidado desde rapazote e com as quais aprendeu a arte da cura, das ervas, das plantas, dos banhos, das rezas e das orações, repassadas ao longo de sua vida nas relações que manteve com elas. Esses conhecimentos e habilidades vêm sendo aperfeiçoados há gerações, através de uma malha extensa que conecta seres vivos, humanos e não humanos em um aprendizado mútuo através de métodos de observação e manipulação de receitas e no encontro de gerações.

Portanto, esse saber possui uma metodologia de repasse e transmissibilidade prática para além das observação e da escuta. São atividades propostas pelas atuais mestras e mestres dos terreiros do Pajé Barbosa.

Os relatos colhidos pela antropóloga Cinthia Kagan (2014, p. 11) “revelam a memória do grupo no que diz respeito à medicina utilizada pelos troncos velhos”, na qual a medicina tradicional, “além de seus efeitos benéficos em termos de curas”, possui um outro aspecto: imortaliza a voz dos ancestrais através dos saberes que foram transmitidos. Muitas são as histórias narradas oralmente e é com muito orgulho que estas informantes nos contam: “meu avô fazia remédio pra tudo! Meu pai rezava daqui e os animais ficavam bons na casa dos donos!”. Segundo essa antropóloga, “Podemos então afirmar que a medicina tradicional alicerça a memória coletiva deste grupo. Cada mistura, cada garrafada, cada lambedor e chá, tem sua origem na experiência e na história de vida de alguém que fez

parte do cotidiano do grupo.” (KAGAN, 2014, p. 11).

Pajé Barbosa é uma referência não só em sua aldeia e para os que têm acesso ao seu terreiro e aos seus cuidados, aconselhamentos e curas, mas por onde tem passado, nas aldeias, movimentos, eventos, terreiros, seus saberes são reconhecidos, o que pode ser comprovado em seu histórico e em outros documentos anexos. Importante destacar que foi através das cartas de apoio às suas candidaturas, feitas por seus parentes e organizações indígenas, que pudemos deixar essa trajetória de vida documentada.

Conectado a uma ecologia de saberes, característica de pessoas detentoras de saberes que trafegam livre e de forma nada disciplinar, ele cumpriu, ao longo de sua inserção dinâmica em várias instituições, programas, projetos e pesquisas, sejam as conectadas à chamada medicina tradicional, como já vimos, ou dentro de uma visão da medicina e do tratamento terapêutico, com o objetivo do bem-estar e da cura. Nesse modo operacional dos Mestres e Mestras, segundo especialista e no que tange ao pajé Barbosa, podemos perceber, nas abordagens e exemplos trazidos pelos pesquisadores e parceiros do pajé em sua trajetória, sua eficácia, cujos procedimentos evocados em muitas pesquisas.



Os saberes tradicionais são produzidos e transmitidos de maneira muito diferente dos conhecimentos científicos gerados nas universidades. Eles não são "transmitidos" e tratados de modo igual, mas sim de maneira adequada ao contexto em que são gerados. Os saberes tradicionais do pajé Barbosa são, na maior parte das vezes, produzidos coletivamente e transmitidos e disseminados oralmente. Desse modo, a proteção dos direitos das comunidades sobre seus conhecimentos requer criatividade. As próprias pessoas detentoras desses conhecimentos reconhecem que eles não têm dono, têm herdeiros.



As memórias do pajé Barbosa são entendidas como uma ecologia de saberes de um processo coletivo de produção de conhecimentos, que visa reforçar as lutas pela emancipação social do seu povo e dos outros povos tradicionais com quem mantém alianças em torno do bem viver na terra.



Nestes cenários, as mulheres são responsáveis pela partilha da cultura, bem como dos saberes e práticas de cuidado com ênfase na medicina da natureza, mas também pelas conquistas obtidas a partir da atuação política e em defesa dos povos originários e tradicionais, sendo importantes referências e propagadoras das suas identidades no Ceará, dentro e fora do território, pelo amor e envolvimento à luta.



A casa dos pais do pajé era próxima a Barraca, um espaço de memória, também mobilizado nas narrativas Pitaguary aos visitantes e pesquisadores que se aproximam e frequentam a aldeia Monguba. A Barraca que foi reconstruída recentemente é um espaço de socialização, eventos e também festas do terreiro do Pai Barbosa.

A Barraca espaço de aprendizagem

A Casa do Meio e Barraca do Pajé Barbosa como é mais conhecida na aldeia é o epicentro do conhecimento e formação de Pesquisadores ao longo dos anos. Só mais recentemente a Retomada da Pedreira tem sido também espaço de recepção de pessoas. Esse pouco tempo significa aí um pouco mais de dez anos.

A casa do Pajé Barbosa tem acolhido esses estudantes e aprendizes.

Indígenas assim como outros não indígenas. Nos últimos tempos essa frequência tem variado muito e tem revelado muitas questões interessantes para pesquisa. Mas, por enquanto, ainda é transitória a passagem desses jovens em relação aos últimos anos que conheço o terreiro e me tornei filho da casa. Os melhores exemplos são os estudantes indígenas da UNILAB que são filhos e filhas da casa. Algumas já tem se consolidado no terreiro. Amandinha estudante pedagogia UNILAB, Amandão outros estão iniciando Yago, Bruno, ...

Gabriela Tremembé estuda Antropologia, Grazieli e Lauriane Tremembé Agronomia. Cresceram e viveram juntas na mesma aldeia e estudam na UNILAB, residindo em Redenção. Passaram a frequentar a casa acredito por intermédio do cacique Climério Anacé, hoje também aluno do curso de humanidades da UNILAB, companheiro de Lauriane Tremembé. Juntos, esses estudantes mantêm o COESI- UNILAB Coletivo de Estudantes Indígenas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e um coletivo de alunos de povos de terreiro também. A presença de estudantes Tremembé é tímida ainda, pois suas terras ficam distantes e perdem em número para os Pitaguary que lotavam um ônibus da prefeitura todos os dias e eu estava entre eles.



Desenvolve principalmente ações na Aldeia Pitaguary, na escola indígena ITA-ARA, na barraca do pajé Barbosa, um espaço comunitário de vivências

ancestrais da comunidade. Esse trabalho na Barraca tem pelo menos 25 anos de existência registrados. No entanto, os seguidores participam de outras iniciativas como o Movimento de Saúde Mental do Bom Jardim. Está presente também em eventos de promoção da saúde e bem estar nos municípios de Pacatuba e Maracanaú. Nas universidades, UFC e UNILAB-CE.



A casa dos pais do pajé próximo a Barraca é um espaço de memória, também mobilizado nas narrativas Pitaguary aos visitantes e pesquisadores que se aproximam e frequentam a aldeia Monguba. A Barraca que foi reconstruída recentemente é um espaço de socialização, eventos e também festas do terreiro do Pai Barbosa. Pude ter acesso a fotografias de tempos passados onde eram organizados encontros e foram registrados por pessoas que eles não sabiam me informar ao certo os

autores das fotografias. Fotografei essas imagens com celular durante as idas a campo e compartilhei suas versões digitais com eles. Nessas retomadas imagéticas, as “boas lembranças” deixam transparecer entre o sorriso “o tempo bom que não retorna”. Eu espero que os registros desse dia sejam vistos, revisitados com essa mesma nostalgia um dia. Mas esse processo também se desenvolveu como uma ferramenta de troca e acesso a fontes para futuros trabalhos junto aos Pitaguary.

Estamos trabalhando para a manutenção desse acervo imagético que também é material para futuras pesquisas. O pajé tem mantido esse acervo fotográfico, junto a outros artefatos materiais que testemunham esses encontros há mais de trinta anos. Infelizmente não há um apoio institucional para manutenção nem para incentivar esse trabalho.

Argumento para construção de um acervo....

Esses espaços de acolhida são mantidos pelo pajé e a família sem nenhum apoio financeiro ou institucional. Os estudantes e pesquisadores ali são recebidos quase que como um projeto de extensão, posso dizer assim. Ali vão vivenciar nos encontros trocas onde amadurecem suas hipóteses, perguntas, onde suas teorias são atravessadas por práticas e fazeres de convivências. Pude acompanhar esse processo com esses atores diversos. Os mais interessantes são os dos filhos e filhas da casa, que também são alunos da UNILAB e de outras universidades que se identificam com as práticas da casa e do terreiro do Pajé. Como observou o professor Jorge Carvalho.

“Os métodos de transmissão de conhecimento utilizados pelos povos tradicionais são muito variados e quase sempre baseados na oralidade, na escuta e na prática contínua e cotidiana. Pensando no modelo junguiano das quatro funções de captação do conhecimento, podemos dizer que os

seus processos de ensino integram razão, emoção, intuição e sensação, e acionam consistentemente instâncias do sagrado e do profano; e alcançam e formam o indivíduo na sua integralidade como sujeito ativo do conhecimento” (CARVALHO: 2019)



Em muitos casos, pesquisadores que chegaram e se tornaram filhos do Pajé ou seguidores de Pajé - Os seguidores de Pajé é um grupo bem heterogêneo que mantém trocas de conhecimento e acolhimento em torno do pajé Barbosa- tanto na casa do meio como na retomada da Pedreira Encantada.





















































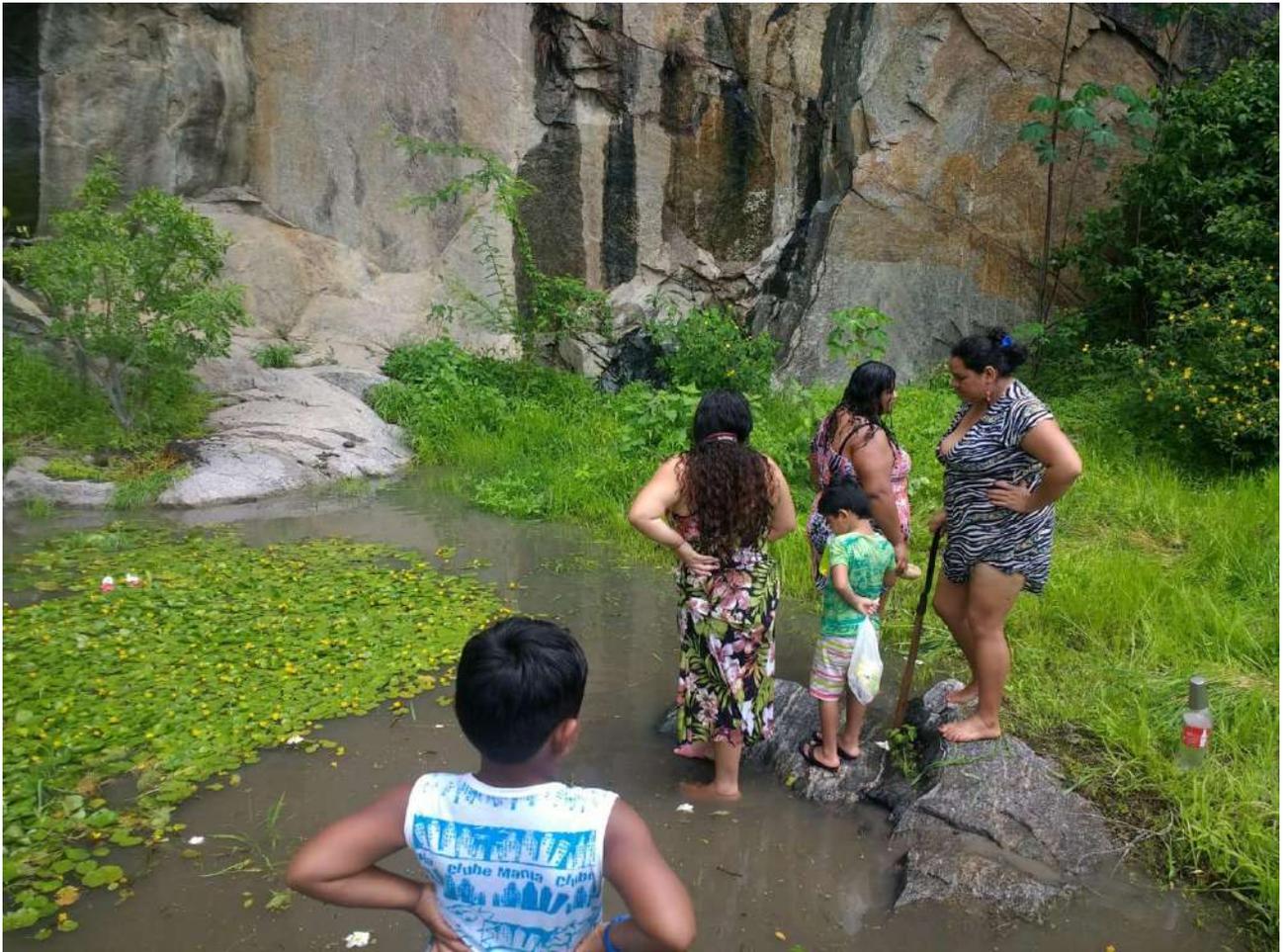












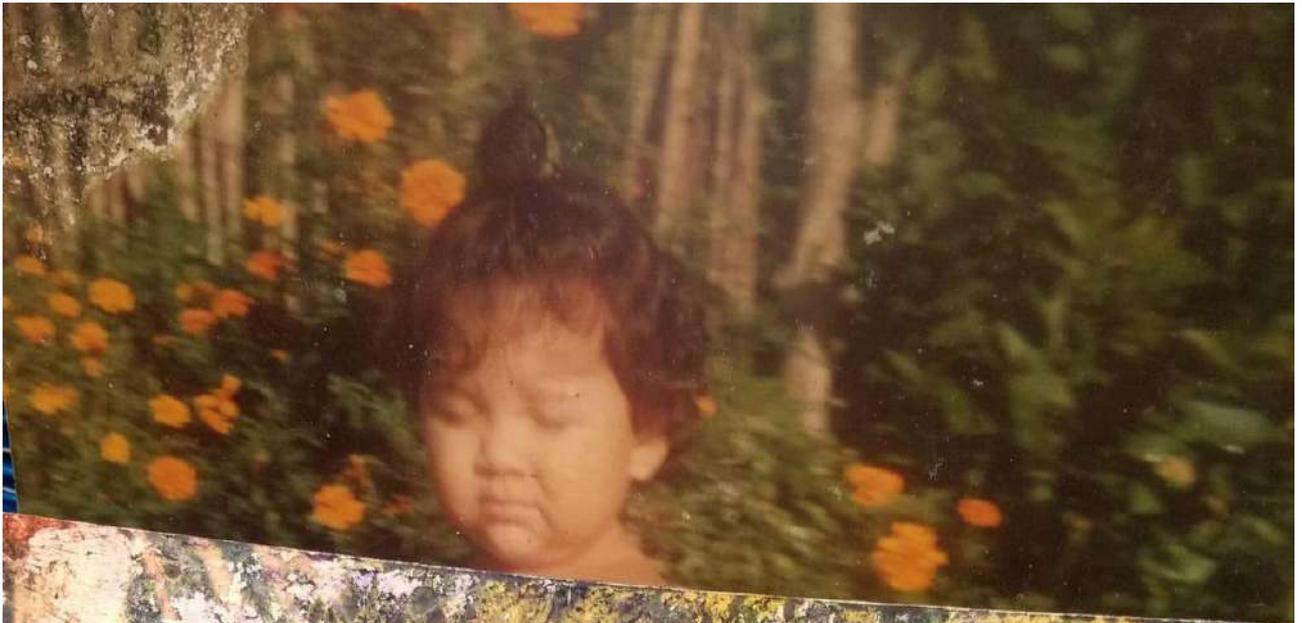
























foto: alex hermes



foto: alex hermes



foto: AH







